

40.000 Garotas Desaparecidas: Espetáculo Falacioso, Políticas Sexuais Fora da Ordem e Violência Policial no Rio de Janeiro

1

Gregory Mitchell

Prelúdio: Vem Pra Rua, Vem!

A nuvem de gás lacrimogêneo estava tênue e indolor, naquela noite quente de Junho de 2013, mas imediatamente percebemos sobre o que se tratava. Veio de algum lugar mais adiante da procissão, na Avenida Presidente Vargas no Centro do Rio de Janeiro. Algumas pessoas ao meu redor improvisaram máscaras de bandana ou máscaras de papel com vinagre, se preparando para uma luta que estava por vir. No momento, porém, as pessoas aplaudiam e sorriam. Meu amigo e ex-assistente de pesquisa, Gustavo, olhou para eles nervosamente e expressou, com seu tom cauteloso como de costume — Acho que não devemos marchar perto deles — ele disse — Aquelas máscaras os tornarão alvos da polícia.

Dispersos pela multidão estavam outros manifestantes usando as máscaras brancas do Guy Fawkes, do filme *V de Vingança*. Gustavo franziu o cenho. Alguns vestiam roupas pretas para acrescentar anonimato, ostensivamente parte do *Black Bloc* de anarquistas, que foram frequentemente acusados de incêndio criminoso, vandalismo e de subverter os verdadeiros objetivos do protesto (e quase tão frequentemente

¹ Este material é baseado no trabalho apoiado pela *National Science Foundation* sob o número de concessão 1450870. Quaisquer opiniões, resultados, conclusões ou recomendações expressas neste material são de responsabilidade do(s) autor(es) e não refletem, necessariamente, os pontos de vista da *National Science Foundation*

acusados de serem infiltrados pagos pela Direita ou pelo governo como uma forma de deslegitimar os protestos).

Um helicóptero circulava acima, se aproximando das pessoas. A multidão de manifestantes — visível pra mim como em grande parte, mais jovem, mais branca e mais da classe média do que os pequenos protestos das semanas anteriores — riam com essa exibição de força policial. Porém eles riam nervosamente, bêbados de adrenalina e *communitas*. Alguns miravam *laser* verde nas janelas do helicóptero, presumivelmente para irritar ou distrair o piloto, embora eu não pudesse entender como fazê-lo cair sobre nós iria ajudar a nossa causa. Ou melhor, seja qual for a causa. Não havia muita coerência retórica no protesto, apenas muito afeto. Nós não estávamos inteiramente harmonizados com nossas demandas (se é que a conhecíamos), porém pactuávamos a irritação e isso era o suficiente.

Acima, pessoas nos apartamentos olhavam a multidão, estimada de 300.000 a 1.000.000 dependendo da fonte em que se queira confiar. Alguns acenavam entusiasmadamente e gritavam palavras de apoio para aqueles que marchavam. Outros pasmavam alvoroçados, cientes de quão perigosa essa situação à beira da porta das suas casas poderia se tornar, caso a polícia abrisse fogo.

A multidão reparou nos espectadores os assistindo acima, e entoaram, para aqueles que estavam em seus apartamentos — Vem! Vem pra rua vem!

A expressão veio da propaganda de um carro da Fiat que foi ao ar naquela época. A propaganda destacava cenas emocionantes e ostentosas do futebol na preparação para a Copa das Confederações FIFA (amplamente considerada como um ensaio para a Copa do Mundo FIFA de 2014, a ser realizada no ano seguinte). Por cooptar por um *slogan* associado à Copa, os manifestantes lançaram uma crítica à solidariedade comemorativa e nacionalista dos desportos. No *Youtube* podemos encontrar diversas paródias desta

propaganda, apresentando a música familiar mas mostrando cenas violentas dos protestos da Copa das Confederações de 2013 em vez das imagens originais com danças animadas e jogadores de futebol.

Vem pra rua, vem! Venha protestar. — Foda-se a FIFA! — alguém gritou — Fora Cabral! — eles gritaram, pedindo a destituição do governador do Estado do Rio de Janeiro. O meu amigo e eu animadamente nos juntamos a eles — Fora Cabral! Fora Cabral! — Em seguida, veio o novo grito — Fora Dilma! Fora Dilma!

— Oh não! — disse Gustavo, que ainda era um ávido defensor do PT (Partido dos Trabalhadores) e da presidente, naquela época. — Isso é terrível! — ele sussurrou para mim. — Não é culpa dela!

Ao nosso redor, jovens tiravam *selfies* e fotos do protesto, *twittando*, *postando* no *facebook*, e enviando mensagens pelo *whatsapp* através dos seus *smartphones*, embora alguns parecessem ter dificuldade com a conexão por causa do grande número de usuários. Murmúrios circulavam dizendo que era uma conspiração do governo para causar um apagão nos meios de comunicação e impedir o carregamento de arquivos para as redes sociais. A massa protestante de usuários de *smartphones* não era composta por favelados ou trabalhadores residentes da Zona Norte que protestavam pelo aumento da tarifa da passagem de ônibus. Os pobres tinham provocado o protesto original em relação às tarifas do transporte público, mas o movimento tornou-se algo mais. Estes eram jovens sem lembranças da ditadura; jovens da classe consumidora que estavam vivenciando a florescente era do BRICs — quando o mundo admirava o emergente poderio econômico do Brasil e a sua capacidade para enfrentar a crise econômica mundial de 2008 — que tinha terminado. Eles estavam desiludidos. Pessoas levantavam cartazes com dizeres sobre corrupção mas Gustavo zombou e disse que esse discurso sobre corrupção era apenas uma tentativa da Direita atingir Dilma.

Havia também muitos cartazes pró-gay denunciando Marco Feliciano, um pastor evangélico que se tornou o presidente da Comissão de Direitos Humanos e Minorias e usou essa posição para defender a terapia da cura gay. As pessoas os parabenizavam por aqueles cartazes ou sinalizavam positivamente com o polegar quando os viam. Munidos com bandeiras arco-íris e fotos censurando o Feliciano, o grupo *queer* se dirigiu através das crianças com *iPhones*, da incansável Esquerda e da lânguida Direita, do *Black Bloc* e dos *wannabe* anarquistas, dos entediados, dos curiosos, dos esperançosos e dos descontentes, dos batedores de carteiras e das pessoas que foram às ruas naquela noite histórica apenas para dizer que eles estiveram lá — uma grande coalizão fora da ordem.

Finalmente, a multidão parou. Ninguém sabia para onde estávamos indo. Mas, presumivelmente, aquela procissão com quilômetros de distância tinha parado no seu destino final... ou eles foram parados? Por quem? Pela Polícia? Incertos do que fazer, as pessoas que estavam na nossa sessão começaram a se separar e seguiram para suas casas. A folia acabou. Mas o governo municipal tinha fechado a estação de metrô Praça Onze sem aviso prévio. De repente, a polícia estava em todos os lugares. Incapazes de sair pacificamente mas com medo de ficar onde estavam, as pessoas começaram a entrar em pânico. Gustavo e eu escapamos pela rua lateral. Me separei do meu amigo, que fugiu a pé, e peguei um ônibus até a Glória. Depois, combinei de me encontrar com alguns amigos que eram acadêmicos e também estiveram no protesto.

Aquele bairro estava tranquilo. Eu fiquei na esquina perto de um bar olhando as pessoas comerem. Que anticlímax. Era como se estivesse em outro mundo. Será que eles não sabiam que a história estava sendo forjada perto daqui? Por que eles estavam apenas sentados e comendo?

"Mas as pessoas na sala de jantar / São ocupadas em nascer e morrer" — Pensei. As letras daquela antiga melodia ecoaram na minha cabeça. Sombras da ditadura militar tomando vida em minha mente.

Em seguida, a nuvem de gás lacrimogêneo foi mais densa. Alguns membros do Black Bloc passaram correndo, colidindo com os clientes, derrubando as mesas, jogando pastéis, salgados e bebidas para o alto. As pessoas que estavam pela rua se esconderam nas lojas e restaurantes. Outros se esconderam atrás das mesas que estavam derrubadas. Os proprietários começaram a trancar as portas e a descer as portas de enrolar. A polícia chegava a pé ou de carro, perseguindo o Black Bloc em direção às ruas que rodeiam Santa Teresa (um bairro situado numa colina, perto do centro da cidade). Eu ofegava e tossia, confiando mais na minha memória somática da vizinhança do que na minha visão, enquanto eu recuava até a rua onde se encontrava a sauna na qual tinha passado alguns anos entrevistando os garotos de programa. Meus colegas chegaram do protesto e me levaram para um pequeno restaurante, pedindo para o proprietário destrancar a porta para entrarmos. Lá, retribuíram-lhe o favor, entretendo seus respeitosos clientes com as histórias das trincheiras.

Introdução

Eu começo minha análise das manifestações sociais com este relato em primeira mão, pois me interesso pelas mudanças das condições para aqueles que estão à margem da sociedade, durante esse período. Pesquisei sobre o trabalho sexual no Brasil desde 2006 e estava interessado na relação do variado grupo de profissionais do sexo — prostitutas, acompanhantes, putas, clientes, garotos de programa e michês — com o Estado. A "Revolução do Vinagre" de 2013 foi ostensivamente a maior revolta social desde os

protestos contra o presidente Fernando Collor de Mello nos anos 90. A economia estava em ruínas e o Brasil tinha caído vítima da alta inflação, sob a administração de Collor de Mello, que renunciou durante um processo de impeachment por corrupção. A recessão econômica do Brasil em 2013 foi acompanhada por acusações de corrupção contra diversos membros do congresso, tentativas de abrir um processo de impeachment contra Dilma e alegações de que ela era cúmplice da corrupção na empresa estatal Petrobras, ou que, se ela não tinha conhecimento, era incompetente. Dado que os protestos de 2013 foram tão grandes que acabaram por lembrar tão claramente a inquietação histórica dos anos 90, eu estava naturalmente muito curioso sobre como os profissionais do sexo — pessoas que historicamente são reprimidas pelo Estado — se encaixariam nessa situação em que o Estado e o povo brasileiro pareciam estar lutando para redefinir o equilíbrio do poder entre eles.

Meu interesse nos profissionais do sexo que estão à margem da sociedade brasileira é significativo. Minhas pesquisas foram conduzidas entre 2006 e 2013, escrevi uma monografia etnográfica sobre os garotos de programa e seus clientes estrangeiros (Mitchell 2016a). Depois, nos últimos 3 anos, eu estudei as questões da prostituição feminina, as atitudes em relação ao turismo sexual, os discursos sobre o "tráfico sexual" e a violência contra as profissionais do sexo que estavam relacionadas aos grandes eventos esportivos como a Copa do Mundo e as Olimpíadas no Brasil, Londres, África do Sul e outras cidades que hospedaram ou hospedarão esses eventos (Mitchel 2016b). O presente artigo baseia-se na minha pesquisa etnográfica com os profissionais do sexo durante a Copa das Confederações e a Copa do Mundo, bem como nas entrevistas com agentes americanos do FBI no Brasil, representantes da *Scotland Yard*, Embaixada e Departamento de Estado dos Estados Unidos, Secretaria de Direitos Humanos do Brasil

e outras entidades governamentais, a fim de analisar as abordagens políticas e a cobertura dos eventos pela mídia.

Neste artigo, eu analiso o período de 2013-2014 no Rio de Janeiro para traçar a transição política que ocorreu imediatamente após o protesto que descrevi acima. Diferentemente da Copa das Confederações, quando a magnitude e gravidade dos protestos pegaram o governo totalmente desprevenido, não havia quase nenhuma dissidência produzida durante a Copa do Mundo de 2014 (Bowater 2014). De fato, além de algumas pichações e ocasionais gritos de protesto das torcidas, a maioria dos cariocas pareciam se contentar em atuar no papel de anfitriões patrióticos, mesmo quando as intensas forças policiais se atentavam para qualquer sinal de protesto. Está claro que os grandes espetáculos nacionais, como a Copa do Mundo, criam grandes oportunidades para líderes políticos avançarem em suas agendas, enquanto a população se encontra tranquilizada, entretida com todo aquele pão e circo. No entanto, o que não foi verificado é o que acontece com aqueles que se encontram nas margens sexuais da sociedade — as prostitutas, os *queers*, os pega-turistas e os caça gringos, a sexualidade fora da ordem e indisciplinada — durante esse período de reforma política nacionalista. Como demonstro abaixo, essa população deixou de ser parte da esfera política e, em geral (mesmo que tacitamente), de ser aceita como parte da sociedade brasileira e se tornaram subordinados, denegridos e subjugados durante o período de preparação para a Copa do Mundo. Na verdade, as condições das profissionais do sexo pioraram devido às batidas policiais nos bordéis, fechamento de bares e motéis e pelos abusos físicos e sexuais infligidos a essas mulheres, na tentativa de "limpar" as zonas de prostituição antes que a FIFA, turistas e jornalistas estrangeiros chegassem.

Na última sessão deste artigo, eu argumento que essa mudança nas políticas fora da ordem deveriam ser reformuladas sob a ótica das teorias do espetáculo. Por um lado,

as manifestações de 2013 descritas no início deste artigo são uma forma de espetáculo que tem sua própria força retórica — um argumento espetacular em nome de um conjunto heterogêneo de pessoas mais unidas pelo interesse em criar uma declaração performativa de descontentamento do que pelo interesse de lutar por um conjunto efetivo de demandas. Nesse momento havia um energizado, porém díspar grupo de atores que ia desde jovens desprivilegiados da classe média, em grande parte brancos, até os anarquistas, o amorfo black bloc, os *queers* e outros sexualmente marginalizados. Diferentemente dos profissionais do sexo e das pessoas sexualmente marginalizadas, a maior parte dos manifestantes tiveram o luxo de permanecer em suas casas no ano seguinte, a fim de assistir a Copa do Mundo com seus amigos e parentes. Por outro lado, a Copa do Mundo de 2014 continha seus próprios espetáculos e retóricas colaterais — incluindo a celebração de abertura e os jogos em si, mas também a "pacificação" das favelas, as incursões policiais televisionadas em zonas de prostituição e as performances artísticas contra o tráfico sexual, que foram implantadas nas zonas de prostituição por grupos internacionais como as Nações Unidas. Em particular, a mídia e as ONGs repetiam alegações infundadas de que 40.000 mulheres e garotas são traficadas sexualmente em cada Copa do Mundo (uma alegação reciclada das Copas do Mundo da Alemanha e da África do Sul, que também se provou falsa). Essas garotas nunca existiram. No entanto, a força retórica dessas campanhas espetaculares não foram apenas simbólicas e tiveram consequências reais e terríveis para as profissionais do sexo.

Eu passei a Copa de Mundo com as prostitutas nos bordéis do Rio, assistindo aos jogos e ouvindo as mulheres reclamarem de como os negócios na Copa pioraram, sobre o aumento das forças policiais, e sobre o seu descontentamento com o governo. Eu as ouvi falar sobre a idiotice dos grupos estrangeiros obsecados com o "tráfico sexual", tais como as Nações Unidas, que encenou uma performance artística na Vila Mimosa

(notória área de prostituição localizada no Rio, para sexo de baixo custo). Em seguida, houve a cobertura da mídia salaz, que vendia uma mistura de excitação e desinformação. Eles afirmam que um grande número de escravas sexuais brasileiras e mulheres/garotas forçadas a se prostituírem seriam encontradas no Rio. Isso também veio a ser um espetáculo em si, por exemplo, as manchetes no *Huffington Post* tais como "Crianças Vendidas Para O Sexo Na Copa Do Mundo Por Alguns Dólares Ou Pacote De Cigarros"(Goldberg 2014, veja também Tamorah 2014). O único problema é que havia, de fato, zero casos de tráfico sexual relacionado com a Copa do Mundo no Brasil (como documentado por Blanchette e da Silva nesta mesma edição da revista). No entanto, a ausência dessas garotas desaparecidas torna-se sua própria forma de espetáculo — baseados em falsidades que se solidificou em uma espécie de mito (Blanchette et al, da Silva et al). Eu cito este espetáculo falacioso dentro da literatura recente sobre a questão do espetáculo, direitos humanos e sexualidade para argumentar que as políticas sexuais fora da ordem são reformuladas dentro do espetáculo, mas elas também são vulneráveis a outras retóricas espetaculares — mais intrigantes, mesmo aquelas que são totalmente fabricadas.

Políticas Sexuais Fora da Ordem

Durante os protestos de 2013 e 2014, uma das atrações mais incríveis foi o *Pink Bloc*, um grupo de *queer* radicais que se vestiam com trajes cor-de-rosa. Suas roupas eram de ambos estilos, hipermasculino ou hiperfeminino. Por exemplo, os integrantes usavam vestidos rosa com babados, máscaras de gás e uma grande pistola rosa de água ou de bolhas. Outros copiavam as toucas ninja do *Black Bloc* porém usando trajes cor-de-rosa. Alguns expunham seus peitorais peludos. Outros usavam vestidos e exibiam as pernas

depiladas. A maioria dos homens aparentava ser jovens cisgênero mas eles deliberadamente subvertiam as normas de gênero misturando os extremos das características masculinas e femininas. Facções do *Pink Bloc* surgiram nos últimos protestos da Europa e da América Latina, frequentemente em resposta aos programas de ajustamento estrutural do FMI e às medidas de austeridade. No Brasil, no entanto, os membros se aproveitaram do carnavalesco, mas usaram uma frivolidade sexual agressiva para insultar a polícia e chamar a atenção da mídia para suas objeções à FIFA, Feliciano e às condições econômicas do Brasil. Munidos de purpurina e bolhas de sabão, eles *genderfucked* seu caminho através das duas Copas (Pennafort 2013).

O *Pink Bloc* representa uma política fora da ordem. Nos últimos anos, estudiosos têm se tornado cada vez mais interessados na ideia das "políticas fora da ordem" (*unruly politics*.) Como a teórica brasileira Sônia Corrêa os definem, políticas fora da ordem são "Provocações em explorar os limites, advertências e armadilhas das noções cristalizadas de cidadania, sociedade civil e justiça" (Corrêa 2013, 44). Para Corrêa, elas são provocações corporificadas. Elas se movem "além do Estado convencional e das gramáticas das leis centralizadas, realçando contradições, fragmentações e erosões das esferas públicas e abordando 'a questão do Estado' em termos de entrincheiramento e efeitos do poder estatal e da violência, mas também em relação às características transnacionais e biopolíticas"(44). Elas não são as políticas da praticidade. Elas não são orientadas a resultados, metas, demandas ou listas de itens contestáveis. Elas são estranhas aos partidos políticos, formações sindicais, greves selvagens, iniciativas eleitorais ou legislações. Políticas fora da ordem são fundamentalmente sobre demonstrações de afeto que se solidificam, transformando-se em eventos.

Khanna *et al* desenvolveram sua teorização desse conceito. Política fora da ordem "é um espaço conceitual amplo, em vez de uma categoria descritiva ou nominal. É,

simultaneamente, a insistência em novas linguagens da política, a redefinição dos espaços da política, rupturas nos regimes estéticos do poder e a criação de imaginários do poder, além do que já é inteligível" (2013, 3). Estudos de caso para as políticas fora da ordem incluem os Movimentos de Ocupação e a revolta na Praça Tahrir, no Egito, em 2011... Cada vez mais, os estudiosos nos EUA estão traçando "políticas fora da ordem" e movimentos de políticas fora da ordem como o *Black Lives Matter* para uma história mais profunda do anarquismo e do ativismo esquerdista (Cornell 2016). Como aponta Khanna *et al*, esses "são eventos que estão além da 'regras' da ação política. 'Colorindo fora das linhas', esses fenômenos são, no seu íntimo, 'fora da ordem' (11). Elas exigem um novo método de investigação política que extravazem suas noções tradicionais e no qual as relevâncias dos atos e eventos não se reduzam ao efeito que têm sobre as estruturas formais do sistema político".

Através da rubrica das políticas fora da ordem, Lucy MacMahon analisou os protestos de Recife, em 2012, sobre a rejeição de licenças para os vendedores de rua, bem como o protesto dos vendedores em Salvador, pelo direito de vender seus produtos nas áreas controladas pela FIFA (2014). Por vezes, eles conquistam demandas concretas tal como a formação de uma união para distribuir mais licenças, porém a direção do sindicato foi rapidamente corrompida pelo Estado. "O maior desafio para os protestos políticos é fazer mudanças que resistam à apropriação em serviço das mesmas velhas hierarquias sociais. Tal apropriação tem uma história particularmente amarga no Brasil..." Onde esses esforços muitas vezes "terminam como um reformismo fraco" (2). MacMahon continua otimista, porém dedicada ao tema "a experiência afetiva do protesto, ao invés dos seus resultados limitados... [sugerindo] que os momentos mais marcantes na experiência do protesto de rua se dá onde a relação com o Estado é alterada" (2). Exemplos de tais alterações em relação ao Estado brasileiro foram "quando

os manifestantes da classe média foram estigmatizados como terroristas, passando da categoria de cidadão para criminoso, ou quando os protestos conferem um status de cidadania a grupos que anteriormente eram politicamente invisíveis" (2).

Assim, pode-se entender que os protestos da Copa das Confederações, descritas no início deste artigo, são como um estudo de caso particularmente grande e atraente das políticas fora da ordem. No entanto, as teorias das políticas fora da ordem não estão apenas interessadas em celebrar os momentos populares disruptivos. A tarefa teórica em mãos é sobre a compreensão das políticas fora da ordem como *eventos*. Corrêa baseia-se in Guilles Deleuze quando diz que, o *evento* "altera radicalmente a ordem da significação: o que faz sentido até o momento se torna totalmente estranho ou até mesmo opaco, e o que faz sentido agora não tinha nenhum significado anteriormente" (2013, 46). Coloque no contexto, os protestos de 2013 que surgiram no Brasil fizeram sentido apenas quando ocorreram. Eles eram literalmente inimagináveis até o momento em que aconteceram.

O problema da teoria das políticas fora da ordem como "evento", contudo, é fazê-la funcionar nas ciências sociais em oposição à filosofia. Corrêa adverte que, "Para a ciência social recorrer de forma produtiva ao "evento" como uma ferramenta analítica, o reconhecimento concomitante é exigido dos ambientes altamente disseminados em que a política se desenvolve" (47). Corrêa, em seguida, volta-se para o tratamento de Foucault a Kant. Ela diz que, para Foucault, a revolução não é sinônimo de progresso. Em vez disso, a revolução desencadeia "uma simpatia de aspiração que se une ao entusiasmo" precisamente porque "o que importa não é a revolução por si só, isso também é o que acontece na mente daqueles que não a fizeram... é a relação que eles tem com uma revolução em que não foram atores ativos" (em Corrêa 2013, 48). Ou seja, vem pra rua, vem! A importância das políticas fora da ordem nas manifestações do Brasil não

era se os manifestantes seriam capazes de fazer exigências coerentes, porém no sentimento de que elas se fundiriam não apenas entre os díspares atores mas também entre as pessoas que olhavam para baixo, das suas janelas, e entre as "pessoas na sala de jantar".

Embora eu apoie totalmente o comprometimento destes autores com as políticas fora da ordem, meu dilema com um etnógrafo focado nas economias sexuais é que eu vejo pouco espaço para a compreensão da sexualidade em relação à "fora da ordem". Isto é, como se definiria uma política sexual fora da ordem? O *Pink Bloc* é um exemplo direto sob a forma de protesto. Mas como as políticas sexuais fora da ordem se manifestam no cotidiano?

Durante a Copa do Mundo de 2014, assisti a partida de abertura num bordel de classe média chamado 4X4, no centro do Rio. Eu estava acompanhado por outros 3 membros masculinos do Observatório da Prostituição, uma cooperativa de pesquisa que ajudamos a fundar e era focada, em parte, em compartilhar informações sobre prostituição, discursos sobre tráfico sexual e da atividade policial em torno da prostituição antes, durante e após a Copa do Mundo de 2014. Muitas mulheres que vendem sexo no Rio acreditaram nas divulgações da mídia, que haveria um grande aumento no comércio sexual durante a Copa. Elas ficaram muito desapontadas. Na verdade, os negócios estavam tão fracos que alguns bordeis recorreram a estratégias como oferecer cervejas gratuitamente durante os jogos e em seguida, eventualmente, tiveram que fechar as portas durante as partidas. No 4X4, o gerente exigiu que as mulheres trabalhassem durante as partidas mas não havia praticamente nenhum cliente. Me sentei no banco do bar com os pesquisadores, na frente de uma parede coberta com um espelho onde se encontrava uma TV, acima.

A mulher que estava perto de mim, Alexa, era uma prostituta loira da Zona Norte que aparentava pouco mais de 20 anos. Ela estava irritada. — Eu queria estar em casa assistindo isso com minha família... com meu filho... e não sentada aqui. Não há sequer qualquer trabalho! Nem estou sendo paga para estar aqui! Mas sou obrigada a comparecer ou o [gerente] vai me multar. Ela coça o tornozelo ociosamente, inclinándose e revelando seus seios, que dificilmente se escondiam no biquine verde e amarelo da FIFA que fora obrigada a comprar para usar como "uniforme". Ela me diz que gostaria de fazer um curso técnico mas que precisa economizar algum dinheiro. Alexa ganha bem trabalhando no 4X4 (na verdade, ganha o equivalente ao meu salário como professor universitário nos EUA). No entanto, ela sabe que quando envelhecer, perderá a oportunidade e não ganhará essa quantia novamente. Enquanto assistimos ao jogo, ela grita e torce tão entusiasmada que até mesmo os clientes se viram surpresos para contemplá-la. Quando o time brasileiro chega perto de marcar um gol, ela pula, quase perdendo o equilíbrio em seus sapatos de salto alto. Ela xinga e senta-se novamente — A Copa é uma merda. Terrível para todas as garotas — Ela diz — Olha! — ela diz, apontando para a sala que estava pouco povoada — Nem mesmo os gringos estão aqui. Os clientes brasileiros são assim como eu. Eles querem assistir aos jogos com a família e com os amigos e não com as prostitutas.

Em seguida, por um momento, a câmera aponta para Dilma e Alexa agarra a minha perna de repente, suas unhas apertando tão agressivamente que tenho que contê-la. Ela não se importa. Seus olhos estão fixos na presidente. Ela se levanta novamente, vagorosamente. Se eleva em seus saltos, tremendo de raiva, e lentamente aponta para a TV — Vai tomar no cú! — ela grita para Dilma. A câmera retorna para os jogadores e Alexa senta-se ao meu lado, torcendo alegremente para o seu time.

Neste momento, vejo a relação entre a sexualidade e o Estado simbolizado através desse ato de desafio. Ao contrário da Copa das Confederações de 2013, houve relativamente poucos protestos durante a Copa do Mundo de 2014 por causa do aumento da força policial e da determinação do Estado para reprimir a dissidência. Em vez disso, há pequenos momentos de resistência, tais como “FUCK FIFA” (“FODA-SE FIFA”) ou “FIFA GO HOME” (“FIFA, VÁ PRA CASA”) cartazes, estêncil e pichações nas calçadas, muros e ruas. Em momentos como esse, as pessoas procuram reafirmar-se em relação ao Estado e suas prioridades. Alexa é uma prostituta que trabalha sob regras e condições particulares que não foram sua escolha. Ela tem que trabalhar, em parte, por causa da Copa, mesmo tendo a Copa se tornado ruim para os seus negócios. Ela e as outras mulheres do bordel que estão assistindo ao jogo juntas, também estão trabalhando em um contexto particular em que a polícia tem intensificado a violência contra as profissionais do sexo (como eu explico em maiores detalhes abaixo). 2014 simplesmente não foi um bom ano para as prostitutas no Brasil. Na verdade, Alexa está trabalhando como prostituta, em grande parte por causa dos fracassos do Estado em fornecer melhores oportunidades de educação e emprego. Com o retrocesso econômico, repressão policial nas favelas e zonas de prostituição e com os cortes das verbas da educação, infraestrutura e serviços públicos, o governo Dilma continuou a gastar em projetos relacionados a FIFA, muitos dos quais beneficiavam os ricos, desprivilegiavam os pobres e transferiam os lucros para longe dos empresários brasileiros, em direção a FIFA e seus patrocinadores.

Assim, há uma certa ironia no contentamento simultâneo de Alexa em relação à Copa do Mundo da FIFA e à difamação da chefe de Estado do Brasil. Anteriormente, descrevi a importância das políticas fora da ordem em que elas renegociam e reorientam as pessoas vis-à-vis ao Estado. Mas isso pressupõe que o Estado está a funcionar como

uma entidade neoliberal comum. Na verdade, os estudiosos devem considerar as políticas fora da ordem (incluindo as políticas sexuais fora da ordem) como uma reorientação dos cidadãos-sujeitos em relação ao paraestatal.

Tal como Paul Amar salientou em sua extensa análise do caso brasileiro, tem havido uma mudança na governamentalidade. O paraestatal é um espelhamento lexical do "paramilitar". Assim como os militares se expandiram para incluir como consultores uma variedade de empresas privadas, agências governamentais, estudiosos e ONGs, assim também tem o estado mudado sua estrutura, operações e elementos constitutivos. O paraestatal inclui "coalizões que podem incluir os formuladores de políticas governamentais, ONGs, agências de segurança privada, campanhas de moralidade e promotores imobiliários... desempenhando as funções públicas de um Estado que terceirizou suas funções num universo paralelo da redução da prestação de contas e do poder não regulamentado" (2013, 18). Estudiosos tem vindo, quase que reflexivamente, a apontar o neoliberalismo como causa de praticamente todos os fenômenos sociais, particularmente aqueles que eles não gostam. Para Amar, neoliberalismo como um conceito precisa ser revisto. A rubrica de paraestatal descreve com mais precisão as mudanças no capitalismo que ocorreram nos últimos anos.

Essa mudança que nos distancia do entendimento convencional do Brasil como uma sociedade neoliberal e nos aproxima do entendimento do Brasil como paraestatal nos permite analisar de forma mais clara os protestos descritos no início deste artigo. Não há coerência entre os manifestantes. Contra quem ou o que eles estão protestando? Dilma? Cabral? Feliciano? O PT? A Polícia? FIFA? Na verdade, essa confusão prova que a teoria de Amar estava correta. Os protestos de 2013 foram incoerentes precisamente porque a FIFA se juntou ao paraestatal com um pequeno exército de consultores, ONGs, observadores estrangeiros, grupos evangélicos e promotores imobiliários neoliberais.

Parte das exigências deste paraestatal em 2013, foi a de que certas áreas que não eram conducentes para os seus interesses — principalmente as favelas, áreas pobres direcionadas ao desenvolvimento e zonas de prostituição — fossem reabilitadas. Como o próprio Amar, entre outros têm demonstrado, essa mudança para o Brasil paraestatal tem tido consequências desastrosas para mulheres como Alexa, que trabalha na economia sexual do Rio de Janeiro.

O Paraestatal e o Policiamento do Sexo

Como demonstrado anteriormente, há um distinto padrão de pânico moral em torno dos grandes eventos esportivos como a Copa de mundo, *Super Bowl* e os Jogos Olímpicos (Mitchell 2016b). Já em 2004, agências governamentais, grupos missionários evangélicos e ONGs feministas antiprostituição começaram a defender publicamente a ligação entre o tráfico sexual e os eventos esportivos globais (Ham 2011). Esses grupos defendem a necessidade da total abolição da prostituição como um primeiro passo para combater o tráfico sexual e operam sob a premissa de que todo o tipo de prostituição é inerentemente exploratória. Isso os leva a inflar as estimativas das taxas do tráfico sexual durante os eventos esportivos globais que foram, no entanto, divulgadas pelos jornalistas como sendo legítimas (Ham 2011, NcNeil 2014). Uma das estatísticas mais comuns a serem citadas em relatórios das mídias populares foi a de que 40.000 mulheres e garotas são traficadas a cada Copa do Mundo (Ham 2011, veja também Fox News Latino 2014). Isso proporciona a brecha política e os pretextos para as forças neoliberais focarem nas zonas de prostituição para que elas "desenvolvam" as devidas propriedades para o evento. A primeira parte da reabilitação é o trabalho de limpeza das áreas específicas, trabalho este delegado à polícia, que muitas vezes tem uma incrível latitude

discricionária e a impunidade para tomar medidas extrajudiciais contra as pessoas dessas áreas (Blanchette et al 2015).

No entanto, a maioria das pesquisas em ciências sociais, até agora não encontrou nenhuma evidência do aumento do tráfico sexual ou prostituição forçada durante os eventos esportivos globais (Gould; Gould & Richter). Na verdade, agora é claro que os níveis globais de prostituição — voluntárias ou de outra forma — não costumam aumentar (Ham 2011, Kelto 2010, Lee 2012). Porém, há um padrão invasivo de incursões antitráfico e de operações de resgate em quase todas as cidades hospedeiras: um marcante aumento na violência policial, agressão sexual, assédio seguido da deportação de profissionais do sexo que são imigrantes ilegais e a rápida gentrificação das zonas de prostituição para que em seu lugar haja hotéis, instalações desportivas e empresas (IUSW 2012).

Durante as entrevistas que realizei na Copa do Mundo de 2010 na África do Sul, por exemplo, pesquisadores relataram que apesar das ONGs antiprostituição e dos grupos evangélicos como o Exército de Salvação alegarem que entre 40.000 e 100.000 mulheres seriam traficadas para aquele país, apenas oito supostas vítimas foram encontradas e não fica claro se sua presença estava conectada à Copa. No entanto, durante a repressão que antecedeu a Copa, a polícia rotineiramente estuprava e batia nas profissionais do sexo, raptando-as e jogando-as em áreas rurais, além de utilizarem formas de tortura como agressão, borrifando *spray* de pimenta em suas vaginas, por exemplo (Richter e Delva 2010). Em minhas entrevistas nos Jogos Olímpicos de Londres, em 2012, descobri nos meus encontros com os diretores da polícia antitráfico do *Lord Mayor's Office* e da *Scotland Yard* que eles não encontraram quaisquer vítimas de tráfico sexual associadas às Olimpíadas, apesar de terem investido um milhão de dólares em suas operações. Entretanto, os fornecedores do Serviço Nacional de Saúde dos hospitais

de Londres que trabalham com os migrantes profissionais do sexo relataram que a polícia tinha usado ataques antitráfico para perseguir as migrantes profissionais do sexo que estavam fora dos Bairros Olímpicos, nas áreas direcionadas para iniciativas de gentrificação e desenvolvimento. Elas eram despejadas por seus senhorios, ao quais a polícia ameaçava de processo sob as leis antitráfico. Como consequência as profissionais do sexo perderam a confiança, que fora construída lentamente com o passar dos anos, nos prestadores de serviços sociais, conselheiros de drogas e centros de crise de estupro. Aumentando assim o risco da violência, da recaída em relação às drogas e da exploração por cafetões e terceiros enquanto diminuía suas capacidades para relatar crimes ou buscar ajuda (Boff; Taylor).

O Brasil experimentou um pânico moral infundado sobre a prostituição e o tráfico sexual em que os brasileiros foram informados de que dezenas, se não centenas de milhares de mulheres seriam forçadas à prostituição durante a Copa do Mundo. Algumas prostitutas sofreram terrivelmente — não como resultado do tráfico sexual, mas como resultado da violência policial, que foi justificada exatamente porque estavam atuando sob a cobertura do pânico moral. Em Abril de 2014 (alguns meses antes da Copa) a polícia atacou um grande complexo de bordéis em Niterói onde centenas de mulheres trabalhavam. Durante o ataque eles roubaram o dinheiro das mulheres. Eles bateram em muitas delas e selecionaram algumas para praticar um estupro coletivo. Quando as mulheres tentavam reclamar, elas eram intimidadas e molestadas. A profissional do sexo que liderou a luta foi posteriormente sequestrada, torturada e teve a sua vida e a vida dos seus filhos ameaçadas (Ruvolo 2014, Blanchette *et al* 2015). Além disso, no dia da abertura da Copa do Mundo, a polícia chegou no *Balcony Bar*, o lugar mais popular para turistas e profissionais do sexo se encontrarem, em Copacabana. O Bar teve o infortúnio de estar localizado em frente à área da FIFA *Fan Fest* da praia de

Copacabana e, como era o local mais visível para o turismo sexual, foi fechado. A polícia chegou com uma escolta de repórteres do O Globo e com câmeras de TV. Eles também fecharam um motel nas proximidades, para onde as mulheres levavam seus clientes. Assim que as câmeras deixaram o local, vendedores ambulantes apareceram e todo o comércio simplesmente mudou-se para uma praça adjacente ao *Balcony* Bar. O negócio continuou como o de costume. O *Balcony* até deixou sua conexão *wi-fi* operando, para o deleite das prostitutas. Mas baseado na cobertura da mídia, os espectadores aliviados suporiam que a polícia preveniu a proliferação da prostituição relacionada à Copa. Após uma batalha legal prolongada, o proprietário desistiu e entregou o local.

Estou apontando esse pânico infundado em relação à Copa do Mundo do Brasil mas esse estresse não está exclusivamente relacionado a ela. Na verdade, desde 2009, o prefeito evangélico do Rio instituiu uma versão da "teoria da janela marrom" chamado, O Choque de Ordem. O governo reprimiu as pequenas infrações tais como vadiagem e lascívia em público, alvejando crianças de rua, moradores de rua, prostitutas de rua e outras pessoas pobres, com força bruta e excessiva. Embora a prostituição não seja ilegal no Brasil, a polícia pode utilizar leis vagas para alvejar, prender e perseguir mulheres que trabalham na economia sexual. Esta mudança em 2009 equivale com à antiga "qualidade de vida" utilizada antes da Cúpula da Terra, que foi realizada em 1992. Amar demonstra que, naquela época, a polícia alvejava as prostitutas — a maioria delas travestis (2013, 66). Está claro que a FIFA e o Comitê dos Jogos Olímpicos se juntaram ao *paraestatal*. No entanto, nas décadas de intervenção desde a Cúpula da Terra, o *paraestatal* incorporou muitos outros membros: grupos feministas nacionais e estrangeiros, grupos de direitos humanos, instituições estrangeiras tais como o Departamento de Estado Norte Americano (usando ferramentas como o Relatório de Direitos Humanos e o Relatório do Tráfico de Pessoas), o FBI e a CIA (que trabalharam

no Brasil durante a Copa e treinaram a polícia civil e a polícia militar) e grupos evangélicos (tais como o Exército de Salvação e o *Exodus Cry*), órgão internos governamentais e quasi-governamentais (que variam desde entidades de promoção turística como a Riotur até as entidades de direito da mulher como a Promundo). Assim, o *paraestatal* não apenas tem efeitos econômicos e políticos, mas também tem se arrastado para a vida de mulheres como Alexa, que trabalham na economia sexual.

Uma política fora da ordem que rejeita o *paraestatal* e tenta repensar o lugar do cidadão-sujeito nessa matriz de poder social deve também levar em conta a sexualidade e os estudiosos devem questionar como certos cidadãos sexuais vem a ser denegridos ou valorizados. Na sessão de conclusão, argumento que devemos pensar nesta questão com atenção especial para o espetáculo, porque o espetáculo é uma linguagem comum a ambos *paraestatal* e coalizões das políticas fora da ordem. Como veremos, no entanto, a coalizão que tomou as ruas em 2013 não foi "fora da ordem" o suficiente e aqueles que são sexualmente vulneráveis, em última análise, foram os que mais sofreram com isso.

Espectros e Espetáculos do Tráfico

Os espetáculos são uma forma de retórica visual. Eles fazem uma reivindicação intencional sobre o mundo. Quando a FIFA e o Brasil resolveram exibir três crianças — um menino branco, uma menina negra e um menino indígena — libertando pombas na cerimônia de abertura da Copa do Mundo de 2014, eles estavam fazendo um apelo ao Brasil. A mitologia brasileira tem tradicionalmente sustentado a ideia de que o Brasil é uma "democracia racial" forjada sobre este triunvirato, que tem um status quase sagrado. Assim, a FIFA e o Brasil decidiram colocar essa história em primeiro plano, tentando formalizar uma reivindicação retórica sobre igualdade e pátria. No entanto, o

rapaz Guarani de 13 anos, Jeguaká Mirim, não agiu conforme os planos. Em vez disso, ele desdobrou uma bandeira em que estava escrito "Demarcação Já!" em referência aos direitos territoriais indígenas e abusos contra os índios Guarani no Brasil. Então, ele mudou o espetáculo, subvertendo assim a mensagem da FIFA. Contudo, a FIFA usava um *timer* de atraso e foi capaz de censurar o protesto da transmissão. Assim, o espetáculo tornou-se bifurcado. Aqueles que não souberam sobre o protesto e sua censura, tiveram um olhar sobre o espetáculo; e aqueles que conheceram a verdade tiveram um outro olhar. Mesmo que a FIFA tenha feito o espetáculo do garoto desaparecer, a sua ausência, em seguida, assumiu outra dimensão. A ausência do protesto falou por si só — se tornando uma expressão performativa que revelou a corrupção e o cinismo de ambos FIFA e Brasil. Ausências também podem ter força retórica.

Nos últimos anos, vários estudiosos feministas basearam-se em teorias do espetáculo que estão relacionadas à Escola de Teorias Sociais de Frankfurt. Estes autores atualizaram a literatura focando em como organizações não governamentais e governamentais usam o espetáculo em nome dos direitos humanos e dos direitos das mulheres, incluindo campanhas sobre prostituição, turismo sexual, "escravidão sexual" e "tráfico sexual". Por fim, eu gostaria de discutir o papel do espetáculo e a ilusão do tráfico sexual no Brasil durante a Copa do Mundo, posicionando juntamente às mudanças políticas e econômicas no país. Mesmo que a política no país tenha se tornado cada vez menos "fora da ordem" enquanto a Copa das Confederações dava lugar à Copa do Mundo, o espetáculo falacioso do tráfico sexual continuou a crescer, permitindo a reafirmação da política sexual conservadora pelo Estado. Assim, é irônico o fato de que alguns tentaram usar o "espetáculo feminista" para melhorar as condições das mulheres

da indústria do sexo. Na realidade, eles acabaram alterando a posição dessas mulheres em relação ao Estado, permitindo-o a prejudicá-las.

Forças paraestatais criaram vários espetáculos que uniu, no imaginário dos telespectadores, o tráfico sexual à Copa do mundo. Por exemplo, um trio de instituições de caridade na Inglaterra (*The Jubilee Campaign*, *Happy Child International* e *A21 Campaign*) uniram-se, com o apoio da Agência Nacional de Crimes da Grã-Bretanha, para organizar voos da Inglaterra para o Brasil. Esses voos exibiam anúncios de serviços públicos sobre prostituição infantil e eram estrelado por jogadores que pediam aos fãs para "ajudarem a proteger nossas crianças". O diretor da Agência Nacional de Crimes, Johnny Gwynne adverte — Não cometa o erro de pensar que elas estão consentindo apenas por se aproximarem de você e que você não é o responsável (Harris 2014). A Organização Internacional do Trabalho também teve sua campanha "Cartão Vermelho" na qual dava "cartões vermelhos" para a FIFA, por violações do trabalho infantil, incluindo a exploração sexual de crianças dentre muitas outras preocupações em relação à exploração do trabalho. Os próprios policiais também estavam cientes disso, por isso não é de admirar que eles convidaram O Globo para filmarem quando, conforme descrito acima, fecharam o *Balcony Bar*, um local popular de encontro para profissionais do sexo e clientes, em frente à FIFA *Fan Fest*. A notificação de fechamento colado na porta dizia que o local estava incentivando a exploração sexual de vulneráveis (Branco e Cândida, 2014). (Veja Figura 1). Quando as prostitutas chegaram naquela noite e descobriram que o *Balcony Bar* estava fechado, elas simplesmente se mudaram para 5 metros de distância dali e trabalharam na praça ao lado onde aproximadamente 200 turistas chegaram para festejar (Veja Figura 2). Sem a proteção do *Balcony* e dos seguranças para impedir a entrada de prostitutas menores de idade, esse novo mercado irregular permitiu que algumas garotas adolescentes trabalhassem naquele local — Na

frente de mais de cem policiais que patrulhavam a região e não faziam nada. A polícia estava muito mais preocupada com a ótica e em operar o reino dos espetáculos do que com a real exploração sexual que eles mesmos haviam inadvertidamente facilitado.



Figura 1. A polícia e os repórteres fechando o Balcony Bar à força, em frente à FIFA Fan Fest na manhã do dia de abertura da Copa do Mundo. Crédito da foto: Julie Ruvolo.



Figura 2: Profissionais do sexo e clientes se encontrando próximo ao *Balcony Bar* na noite do dia de Abertura da Copa do Mundo. Crédito da foto: Mattias Maxx.

Os espetáculos são cada vez mais importantes para o *paraestatal* especialmente para as ONGs. A razão disso é que, como Lilie Chouliaraki argumenta, tem havido uma mudança na política econômica em relação "à mercantilização da prática humanitária" como o resultado do aumento das organizações internacionais e ONGs. "As agências de apoio, por exemplo, expandiram suas operações em 150 por cento entre 1985-95, enquanto apenas os EUA aumentaram seus números em 100 entre as décadas de 80 e 90... e quase dobrou na década seguinte" (2013, 6). A explosão das ONGs está diretamente relacionada ao aumento do neoliberalismo, do Thatcherismo, e do

Reaganomics. Ou seja, o Estado recuou e retirou o financiamento, deixando as entidades, instituições de caridade e grupos religiosos assumirem os negócios apesar de muitas vezes elas não possuírem experiência em gestão ou, na verdade, no tema em questão.

Esta mudança também indicou que os fundos necessários seriam levantados através de uma crescente ênfase no apelo emocional direcionado ao leigos dos EUA e da Europa, que eram relativamente ricos (e muitas vezes religiosos). Naturalmente, certos temas e imagens são mais adequados para instigar as respostas emocionais. Como Denise Brennan argumenta, o maior motivo do tráfico sexual ser privilegiado e confundido com as outras formas de tráfico, apesar de ser uma pequena parcela do tráfico humano, é porque o governo Bush tinha procurado desviar a atenção da questão da reforma da imigração e do trabalho imigratório (que iriam revelar as falhas do governo). Em vez disso, eles focaram no tráfico sexual e recompensaram com dólares federais as iniciativas baseadas na fé, para elas trabalharem nessa questão. Essas organizações não apenas acreditam que toda forma de prostituição seja tráfico sexual, pois eles acham que as mulheres (assim como as crianças), literalmente, não podem consentir na venda do sexo, mas também recebem incentivo financeiro para fazer a contagem das prostitutas e mulheres que estão "em risco de exploração sexual" como sendo todas exploradas sexualmente (Brennan 2014, 65). Wendy Hesford explica, "alianças oportunistas continuam a existir entre os grupos neoabolicionistas feministas e de direita" que fazem, como condição para o seu sucesso, não apenas a condenação da prostituição forçada mas do trabalho sexual como um todo (2012, 133). Isso resultou no que o consultor sênior do Departamento de Estado dos EUA chamou de "um mandato bíblico para o movimento das mulheres" (133).

Um espetáculo particularmente interessante sobre o tráfico sexual e a Copa do Mundo no Brasil foi o *Gift Box* das Nações Unidas. O *Gift Box* é o esforço combinado das

Organizações do Reino Unido "Stop the Traffik" (sic) e a Iniciativa Global da ONU contra o Tráfico de Pessoas (UN.GIFT). É um cubo de aproximadamente 2 metros de altura embrulhado como um presente onde os visitantes podem entrar. É uma lógica estranha que sugere que assim como crianças e mulheres são atraídas e enganadas por objetos brilhantes e promessas de eventos prazerosos, assim também são os pedestres "atraídos para uma grande caixa, embrulhada e colorida, apenas para serem confrontados — através de fotografias e histórias das sobreviventes — com as duras realidades do tráfico sexual" (Boston College 2015). A caixa viaja por vários campus universitários e lugares e tem a intenção de mostrar que o tráfico pode surgir em qualquer lugar de qualquer comunidade e não é algo restrito a lugares distantes. O fato das migrantes enfrentarem a exploração sexual realmente segue por rotas específicas e combater eficazmente tal exploração requer estudos empíricos e evidências em vez de enfatizar o aparecimento fortuito, casual e místico do tráfico em comunidades aleatórias. O *Gift Box* não se trata das vítimas mas em oferecer uma experiência emocional para os transeuntes. Não fica claro como eles se sentem, apesar de tudo. Horrorizados? Chocados? Tristes? Culpados? O *Gift Box* é um exemplo do que Chouliaraki chama de apelo negativo, que cria "uma lógica da cumplicidade" em que o espectador sente que "a omissão... é a incapacidade de reconhecer a nossa participação histórica e pessoal do sofrimento humano", levando a uma externalização política em que o espectador deve se juntar à "solidariedade da revolução" (60).



Figura 3. Deixando o *Gift Box* da ONU na Vila Mimosa. Crédito da Foto: Julie Ruvolo.



Figura 4. Por dentro do Gift Box. Crédito da Foto: Julie Ruvolo.

O *Gift Box* veio para a Vila Mimosa, uma zona de prostituição onde até mil mulheres trabalham. A Vila Mimosa fica perto do estádio de futebol Maracanã. É conhecida por seus preços populares e por suas dezenas de pontos de encontro. O *Gift Box* foi colocado lá porque as organizações estavam associando a prostituição legal da área com o tráfico sexual ilegal. Após uma breve cerimônia de abertura, o *Gift Box* foi simplesmente deixado lá. Algumas pessoas, incluindo as profissionais do sexo, foram contratadas para tomarem conta do *Gift Box* e para ficarem disponíveis aos visitantes. Mas quando fui à Vila para assistir uma partida da Copa do Mundo na TV e esperar pra ver se os negócios

iriam aumentar após os torcedores deixarem o estádio, eu fui até o *Gift Box* e o encontrei fechado. Nenhum cliente veio após o jogo, exceto um taxi com alguns argentinos que deram uma volta vagarosamente, admirando a área e rindo antes de irem embora. Mesmo se tivesse havido centenas de clientes, como era esperado, os homens procurando por programas não teriam a possibilidade de visitar o *Gift Box* e de sentir... seja o que for o que eles deveriam sentir. O que o *Gift Box* realmente permitiu foi a realização de eventos como o "*Traffik Free Easter*" (sic) e o "Freedom Sunday" pelas ONGs. Esses eventos são serviços religiosos em igrejas para vinte e um diferentes tipos de denominações religiosas onde poderiam dizer aos doadores que eles levaram o *Gift Box* em vários bairros espalhados pelo Brasil e que as prostitutas e os clientes contemplaram o seu poder retórico e emocional.

Atualmente, muitas bolsas de estudos sobre o espetáculo e sua implementação no trabalho com os direitos humanos provêm da Escola de Frankfurt dos teóricos críticos. O livro de Guy Debord, *Sociedade do Espetáculo* de 1967, foi realmente útil como um ponto de partida para os estudiosos como Chouliaraki e Hesford, cujo trabalho discuti acima. O espetáculo é composto pelo capital acumulado e aqui, ele toma a forma de uma imagem. Debord critica "o espetáculo", o que ele defende é uma produção contínua da sociedade que também divulga as imagens. O espetáculo é uma distração. Contudo, a antropóloga e teórica *queer*, Márcia Ochoa, observa que o trabalho de Debord não abrange a questão como um todo (Ochoa 2015). Ou seja, é mais adequado para estudos de mídia do que para a realidade etnográfica. Sendo assim, Ochoa está interessada na *espetacularidade* de gênero, em todos os processos que conduzem à produção do espetáculo, seja ele apurando, ensaiando, discutindo, focando em grupos e assim por diante (221).

Esse redirecionamento para a produção da espetacularidade é útil pois ele abre espaço para a discussão dos efeitos reais do tráfico de espetáculos no mundo. Não houve vítimas de tráfico sexual relacionados à Copa do mundo no Brasil mas houve centenas de imagens contendo espetáculos *sobre* o tráfico e a Copa. O espetáculo sobre as mulheres e garotas existe, apesar delas próprias não existirem. Elas são espectros do tráfico sexual. Então, que são elas? Como elas são produzidas? Como elas são criadas em reuniões, grupos de estudos políticos e nas salas de conferência das ONGs? Como elas são comercializadas? De onde elas vêm?

Considere o grupo evangélico antiprostituição *Exodus Cry* e o seu projeto "Liberdade" no Brasil, que foi "criado para trazer liberdade às mulheres e crianças traficadas no Brasil". A organização antitráfico está relacionada à megaigreja, Casa Internacional de Oração, cujo fundador, Lou Engels, trabalhou no assim chamado "*Kill the Gays Bill*" na Uganda. A cruzada do grupo contra a imoralidade sexual, que para eles inclui a exploração sexual (definido por eles como sendo qualquer forma de prostituição), como eles declararam em uma de muitas atualizações no *Facebook*, "Onde quer que o sexo esteja a venda, haverá mulheres e crianças cujas vidas e destinos estarão a ser explorados e destruídos". O grupo tem um orçamento operacional anual de mais de um milhão de dólares e uma grande presença global. Eles visitam igrejas e escolas com suas apresentações e filmes como "Nefasto: Mercante de Almas" para defender a oração e a criminalização mundial da prostituição. Inicialmente, o grupo afirma ter "parceria" com mais de 500 igrejas brasileiras e "salas de orações fixadas em cada uma das 12 cidades-sede da Copa" (<http://exoduscry.com/liberdade/>). Eles não mencionam o número real de vítimas do tráfico sexual que eles encontraram ou salvaram, preferindo dizer que eles "alcançaram 1.972 homens, mulheres e crianças que estavam sendo explorados". O que significa "alcançar" não fica claro, ainda que eles parem as mulheres

na rua, peçam para rezar com elas e distribuam bijuterias e outras bugigangas, as quais eles também vendem aos doadores. No entanto, eles afirmam "ter treinado mais de 1.539 voluntários internacionais para a divulgação e intervenção", o que significa que eles encontraram quase tantos benfeitores religiosos preocupados com a exploração quanto pessoas supostamente exploradas.

Também não fica claro se as pessoas consideradas como "alcançadas" realmente queriam ter sido contatadas, muito menos em ter consentido em fazer parte das estatísticas de grupos do *Facebook*, *Twitter*, filmes ou apresentações de *PowerPoint*. Conforme o grupo *Exodus Cry* lamentou em sua página do *Facebook*, "Após semanas planejando um lindo banquete de Natal para as mulheres as quais ministramos, nenhuma delas apareceu. Mas o Senhor tem um plano maior. Cinco igrejas se reuniram para embalar o jantar, as flores e os presentes para entregá-los em um bordel com aproximadamente 30 mulheres. Nós invadimos aquele bordel com o amor de Jesus e a igreja se tornou viva por ministrar a essas mulheres. Em nossa fraqueza, Ele é forte!" (<https://www.facebook.com/exoduscry>) Assim, após semanas "alcançando" as "mulheres exploradas", até mesmo a comida gratuita não as convenceu para comparecer ao evento. Questiono o que as 30 mulheres que trabalhavam no bordel pensaram sobre os valorosos voluntários das "cinco igrejas" que "invadiram" amorosamente o seu local de trabalho, que está em plena harmonia com a lei. No entanto, a *Exodus Cry* continua a produzir mídias de conteúdo duvidoso, documentários e outras propagandas para mostrar suas viagens enquanto visitam as igrejas ao redor do mundo. O espectro do tráfico sexual serve como um bom negócio para os ministros, mais do que o próprio ministério.

Conclusão

O paraestatal é introduzido nas possibilidades performativas e retóricas do espetáculo. Os membros têm consciência de que suas batalhas ideológicas estão sendo elevadas a um nível de espetáculo maior do que se encontra atualmente. O Estado estava bem consciente de que os protestos da Copa das Confederações foi essencialmente uma batalha por simpatia pública que estava circulando na mídia. O Estado *pensa* até mesmo em termos de performativa. Por exemplo, Na Copa do Mundo, durante uma entrevista com o FBI em São Paulo, perguntei a um agente sênior sobre o *Black Bloc*. Ele me disse — A polícia brasileira a qual estamos treinando entendeu o *Black Bloc* de maneira completamente equivocada. Eles ficaram insistindo que o Black Bloc é um grupo, uma organização na qual as pessoas entram e se tornam parte. Não é assim. O *Black Bloc* é uma tática. Você não pode pensar nele como um grupo de pessoas mas sim como uma tática. — É como se o FBI tivesse adicionado as obras de Judith Butler ao seu manual de treinamento. O FBI entende o que a polícia brasileira falhou em captar: o *Black Bloc* não é um grupo coerente com um senso de identidade estável. As pessoas não se identificam com o *Bloc*, seguem através de um processo de identificação e se tornam parte de uma comunidade. O *Bloc* é uma performance, uma operação, uma tática, um comportamento, uma peça que se faz. Para vestir o traje teatral, para queimar um pneu, para quebra a janela de um banco... Estas são táticas performativas mas elas não são o mesmo que identidade. Qualquer pessoa pode participar de tal espetáculo. O Estado utiliza o espetáculo e o povo responde com espetáculo, assim como quando o índio saiu do roteiro que estava prescrito na cerimônia de abertura da Copa do Mundo, para desdobrar sua própria faixa de protesto. Existem os duelos de espetáculos.

O povo brasileiro lutou nessa batalha de espetáculos em 2013, mas em última análise eles recuaram em complacência. Muitos foram genuinamente levados pelo fervor da FIFA em 2014. Mas a polícia também estava a postos, com força total, parecendo mais malvada do que nunca. Como o agente do FBI explicou — Observe que todos eles vestiram suas "armaduras". Porém, elas se assemelham ao preenchimento de plástico do futebol americano. Elas não servem pra nada, são apenas pra ostentar.

Enquanto a força policial se intensificava e se tornava mais brutal, as pessoas que mais sofreram foram aquelas que não podiam ir pra casa. Elas foram as profissionais do sexo selecionadas para o estupro coletivo da polícia, em Niterói. Foram as mulheres que perderam dinheiro quando o *Balcony* foi fechado. Foram as mulheres da Vila Mimosa que não conseguiram sequer um programa e não tiveram nada para fazer, a não ser ficar olhando para o bizarro *Gift Box* que fora despejado em sua porta pela ONU e por um punhado de evangélicos. A intensificação do pânico moral sobre o tráfico sexual não serviu de nada senão para amedrontar. O espectro da prostituição forçada — as vítimas ausentes — realizado com grande força retórica. Essas 40.000 garotas desaparecidas — mesmo inexistentes — constituiu um espetáculo, possivelmente um falacioso. Eles ainda permitiram a intensificação do policiamento e da violência. Enfim, as garotas desaparecidas tiveram o efeito desejado para aqueles que as produziram — Departamento do Estado, ONU, FIFA, *Exodus Cry*, *Stop the Traffik* (sic), e todos aqueles que desviaram dólares e doações para enriquecer em suas carreiras de salvadores das mulheres brasileiras, que nunca suplicaram para serem resgatadas a não ser dos seus próprios salvadores.

Bibliografia

Amar, Paul. 2013. *The security archipelago: human-security states, sexuality politics, and the end of neoliberalism*, Durham: Duke University Press.

Blanchette, Thaddeus Gregory, Ana Paula da Silva and Andressa Raylane Bento. 2013. "The Myth of Maria and the Imagining of Sexual Trafficking in Brazil." *Dialectical Anthropology*, 37 (2):195-227.

Blanchette, Thaddeus Gregory, Gregory Mitchell & Laura Murray. 2015. "Discretionary Policing, or the Lesser Part of Valor: Prostitution, Law Enforcement, and Unregulated Regulation in Rio de Janeiro's Sexual Economy." *Criminal Justice and Law Enforcement*, 1(7), Forthcoming 2015.

Boston College. 2015. "'UN GIFT Box' Exhibit Spotlights Human Trafficking," *Boston College Office of News and Public Affairs*. April. http://www.bc.edu/offices/pubaf/news/2015-mar-apr/un_giftbox.html

Bowater, Donna. 2014. "Whatever Happened to Brazil's World Cup Protests?" *Al Jazeera America*, July 10. <http://america.aljazeera.com/articles/2014/7/10/brazil-protests-worldcup.html>

Branco, Ana e Simone Candida. 2014. "Boate Balcony é fechada em ação conjunta da Seop e da polícia civil." *O Globo*. 27 Dezembro. <http://oglobo.globo.com/rio/boate-balcony-fechada-em-acao-conjunta-da-seop-da-policia-civil-14920276#ixzz3gjuQxe78>

Brenan, Denise. 2014. *Life Interrupted: Trafficking into Forced Labor in the United States*. Durham: Duke University Press.

Chouliaraki, Lilie. 2012. *Ironic Spectator: Solidarity in the Age of Post-Humanitarianism*. London: Polity Press.

Cornell, Andrew. 2016. *Unruly Equality: U.S. Anarchism in the Twentieth Century*. University of California Press.

Corrêa, Sonia. 2013. "Dialoguing with the (im) possibilities of unruly politics," in *The Changing Faces of Citizen Action: A Mapping Study through an 'Unruly' Lens*, eds. Akshay Khanna, with Priyashri Mani, Zachary Patterson, Maro Pantazidou and Maysa Shqerat, International Development Institute, <http://www.sxpolitics.org/wp-content/uploads/2013/06/ids-working-paper-on-unruly-politics.pdf>

Da Silva, Ana Paula, Thaddeus Gregory Blanchette and Andressa Raylane Bento. 2013. "Cinderella Deceived: Analyzing a Brazilian Myth Regarding Trafficking in Persons." *Vibrant: Virtual Brazilian Anthropology*, 10 (2): 377-419.

Debord, Guy. 1967 [1995]. *Society of the Spectacle*. New York: Zone Books.

Exodus Cry. 2014. "Liberdade." <http://exoduscry.com/liberdade/>

Exodus Cry. 2015. <https://www.facebook.com/exoduscry>

Fox News Latino 2014. "World Cup 2014: Brazil Attempts To Crack Down On Child Prostitution Before Games Begin." *Fox News Latino*. April 3. <http://latino.foxnews.com/latino/news/2014/04/03/world-cup-2014-brazil-attempts-to-crack-down-on-child-prostitution-before-games/>

Gould, Chandre, and Marlise Richter. Institute for Security Studies. 2010. "The Need for Evidence to Assess Concerns About Human Trafficking During the 2010 World Cup." March 23. <https://www.issafrica.org/iss-today/the-need-for-evidence-to-assess-concerns-about-human-trafficking-during-the-2010-world-cup>

Goldberg, Eleanor. 2014. "Children Sold For Sex At World Cup For Few Dollars, Pack Of Cigarettes." *Huffington Post*, June 12. http://www.huffingtonpost.com/2014/06/12/world-cup-child-prostitution_n_5474716.html

Ham, Julie. "What's the Cost of a Rumour: A guide to sorting out the myths and the facts about sporting events and trafficking," *The Global Alliance Against Traffic in Women (GAATW)*, <http://www.gaatw.org/publications/WhatstheCostofaRumour>. 11.15.2011.pdf

Harris, Bob. 2014. "Brazil Child Prostitution Warnings To Air On World Cup Flights," *The World Post: Huffington Post*. Feb 4. <http://www.huffingtonpost.com/2014/02/04/>

brazil-child-prostitution-world-cup_n_4726923.html

Hesford, Wendy. 2012. *Spectacular Rhetorics: Human Rights Visions, Recognitions, Feminisms*. Durham: Duke University Press.

International Union of Sex Workers. 2012. "Harm Was Done: Prostitution, Politics and Power in the Run Up to the 2012 London Olympics: Staff of Frontline Services Describe their Experiences." Dec 17. <http://www.iusw.org/wp-content/uploads/2012/12/HarmWasDoneIUSW17Dec12.pdf>

Kelto, Anders. 2010. "World Cup Avoids Flood of Sex Workers." National Public Radio. 6 July. <http://www.npr.org/templates/story/story.php?storyId=128342077>

Lee, Eddie. 2011. "Super Bowl Hyperbole and Prostitution." Toronto Star. 3 Feb. http://www.thestar.com/sports/football/2011/02/03/super_bowl_hyperbole_and_prostitution.html

Khanna, Akshay, Mani Privashri, Zachary Patterson, Maro Pantazidou and Maysa Shqera, 2013. *The Changing Faces of Citizen Action: A Mapping Study through an 'Unruly' Lens*. International Development Institute, <http://www.sxpolitics.org/wp-content/uploads/2013/06/ids-working-paper-on-unruly-politics.pdf>

MacMahon, Lucy. 2014. "The right to (sell in) the city: street vending and protest in Rio de Janeiro and Recife," *'Bread, Freedom and Social Justice': Organised Workers and Mass Mobilizations in the Arab World, Europe and Latin America*, Cambridge University Conference Proceedings July 10-11.

McNeil, Maggie. 2014. "The Mythical Invasion of the Super Bowl Hookers," *Reason*, January 26. <http://reason.com/archives/2014/01/26/the-mythical-invasion-of-the-super-bowl>

Machado, Livia. 2014. "Na abertura da Copa em SP, índio faz protesto por demarcação de terras," *O Globo*. 13 Junho. <http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2014/06/na-abertura-da-copa-em-sp-indio-faz-protesto-por-demarcacao-de-terras.html>

Mitchell, Gregory. 2016. *Tourist Attractions: Performing Masculinity & Race in Brazil's Sexual Economy*. Chicago: University of Chicago Press.

Mitchell, Gregory. 2016. "Evangelical Ecstasy Meets Feminist Fury: Sex Trafficking, Moral Panics, and Homonationalism during Global Sporting Events." *GLQ*. Vol 22: 3. 2016.

Ochoa, Marcia. 2014. *Queen for a Day: Transformistas, Beauty Queens, and the Performance of Femininity in Venezuela*. Durham: Duke University Press.

Pennafort, Roberta. 2013. "Glittervandalismo do Pink Bloc Toma as Ruas do Rio," *Estadão*. Outubro 14. <http://www.estadao.com.br/noticias/geral,glittervandalismo-do-pink-bloc-toma-as-ruas-do-rio,1085743>

Richter, Marlise, and Wim Delva. 2012. "Maybe It Will Be Better Once This World Cup Has Passed: Research Findings Regarding the Impact of the 2010 Soccer World Cup on Sex Work in South Africa: A United Nations Population Fund Report." <http://www.migration.org.za/uploads/docs/report-26.pdf>

Richter, Marlise, Matthew Chersich, Fiona Scorgie, Stanley Luchters, Marleen Temmerman and Gould, Chandre. 2010. "Human Trafficking and the World Cup: How Big is the Threat?" Institute for Security Studies. May 19. <https://www.issafrica.org/iss-today/human-trafficking-and-the-world-cup-how-big-is-the-threat>

Ruvolo, Julie. 2014. "On the Run During the World Cup With Brazil's Most-Wanted Prostitute," *Vice News*. July 12.

Temorah, Deborah. 2014. "Human Trafficking World Cup." *Liberty Voice*, June 10. <http://guardianlv.com/2014/06/human-trafficking-world-cup/>

Tradutor: Tiago de Aquino Tamborino

Nota do tradutor:

O termo em inglês, "unruly politics", apresenta uma dificuldade para se traduzir. Sonia Corrêa informou que ela mesma tinha considerado "política selvagem" e "política rebelde", assim como "política fora da ordem". Verificando que, embora "fora de ordem" pudesse parecer com "política desordenada", desordenada tem uma conotação diferente de "fora de ordem". Neste artigo, escolhi seguir o termo da sua preferência "fora da ordem".

